



PRESIDENTE DO CONSELHO
DE ADMINISTRAÇÃO

Lx.ª 9/XI/71

Meu ilustre amigo Eng. Bernardo
Ferreira:

Muito agradeço o Catalogo
da Exposição de Cerâmica, redigido
em Viana, obra de sua autoria e, por
isso mesmo, magnífica no seu con-
texto e aspecto.

É curioso de verificar que
a nossa museologia, a cerâmica
em especial, tem devotados cultores,
entre as elites do espirito, que muito
a valorizam e enobrecem.

Creia que muito me desuamem

a sua amavel oferta e ainda a pro-
pria ajuda, aliam-se muito valiosas, na so-
lucão de possíveis problemas, suscitados
a' minhas curiosidade em campos de
tanto encanto,

Admirador e Amigo muito devoto de

Arthur Agostinho de Almeida

Com um saudoso
abraço,

~~Ruben Andresen Leitão~~

Seja justiça à
ma Misericórdia sua.
Parabéns . 17/11/71

Livros escolhidos

«Exposição de Cerâmica das Fábricas do Distrito» — duzentos anos de labor artístico, por Bernardo Ferrão. Edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Viana, 1971 (148 páginas - 22 h-text).

A Valorização do património nacional deve muito a Bernardo Ferrão. Foi ele quem arrancou a sensacional *Exposição de ambientes portugueses dos séculos XVI a XIX*, foi ele quem publicou o melhor trabalho em língua portuguesa sobre a «Imaginária de marfim Indo, Singalo, Sino e Nipo-Portuguesa». É ele quem nos dá, agora, o magnífico catálogo da Exposição de Cerâmica das Fábricas do Distrito de Viana. Bernardo Ferrão integra-se nessa plêiade famosa de homens portugueses — Rocha Peixoto, Vasco Valente, Bertino Daciano, Pedro Vitorino —, que às coi-

Por RUBEN ANDRESEN
LEITÃO

sas portuguesas dedicaram o melhor do seu tempo e deram à estampa alguns trabalhos definitivos para o estudo das nossas artes decorativas. Juntamente com o arquitecto Fernando Távora e António Faria de Lencastre, formam o grupo que, no Norte de Portugal, melhor compreende o fenómeno utilitário e sumptuário das peças portuguesas através dos tempos, sobretudo no que se relaciona à faiança, ao mobiliário e à imaginária.

O Catálogo da Exposição de Viana do Castelo — exposição que há pouco encerrou depois de um êxito retumbante mostra a consciência, a clareza e a objectividade do critério de classificador que Bernardo Ferrão imprime a cada uma das 255 fichas das peças apresentadas, acrescentando ainda a descrição do mobiliário que compunha o ambiente no velho e nobre edifício dos antigos Paços do Concelho. Prestou valiosa colaboração no arranjo das salas o vianense ilustre que é Amadeu Costa.

A história da faiança portuguesa é apaixonante. É a nossa mais completa e perfeita transmissão de cor, mostra a capacidade de sermos originais depois de vermos o que se fazia lá fora — permanente festival de paleta impressionista de arte, de riqueza nas combinações dos motivos e na gama das tintas. Só um país em taraso, onde as classes mais abastadas são geralmente as mais incultas, só num país com estas características é que a arte se mantém tão alheia do fenómeno diário da vida. As faianças portuguesas dos séculos XVII, XVIII e XIX são dignas de figurarem em qualquer museu da Europa, pois a sua individualização ingénua rompe os cânones tradicionais e dá-lhe uma modernidade que o tradicional classicismo de formas impede, ou até outras vezes combate. A célebre Fábrica de Viana — V. — ou V traço ou Vianna ou Uianna com traço horizontal — ali em *Daruge*, nas margens do Lima; é o caso mais significativo e notável da indústria cerâmica portuguesa que vai do século XVIII (fundada em 1774) até ao fim da sua laboração em 1855. Considero mesmo que foi a mais importante unidade fabril que laborou em produção por mais longo tempo em terra portuguesa. Viana apresenta três períodos — o

primeiro vai da data da fundação até aos fins do século, mais ou menos; depois vem o período áureo que começa logo por volta de 1794 — são imprecisas as datas — e termina entre 1820 a 30; e o último, o mais popular, que vai terminar os seus dias antes de D. Pedro V subir ao trono.

A exposição de Viana há pouco encerrada classificava as peças na sequência destes três períodos. Mostrava quais os objectos que maior valor apresentaram na forma tradicional azul e branca do primeiro período, com nítidas influências das faianças do sul, em especial da fábrica do Rato (há pouco fundada em Lisboa, sob a égide do Marquês de Pombal e com vistas a proteger a nossa indústria e a dificultar a entrada em Portugal das banais loiças da Companhia das Índias, tão ao gosto dos novos-ricos e convencionais burgueses da nossa praça). No segundo período — comenta Bernardo Ferrão —, as peças acompanharam na qualidade, variedade e decoração do seu tipo, o melhor que as olarias nacionais coevas fabricavam, com moldagem, vidrados, proporções e formas perfeitas e pin-

tura com cores apuradas e álares, sob certos aspectos originais, o que levou o exigente mestre Joaquim de Vasconcelos, comentando a exposição de 1896, a escrever: «Não se fez em parte alguma do País faiança que a excedesse.»

É muito vasta a gama dos produtos fabricados neste período áureo. Peças total, ou parcialmente moldadas: travessas, pratos decorativos, terrinas, fruteiras, pias de água benta, paliteiros, castiçais, cestas de pão, pichéis, tinteiros, floreiras, bacias degoladas, malgas, canecas, copos, jarras, etc. Importa assinalar a qualidade excepcional destas peças, não esquecendo as famosas *pretas* — tabaqueiras que são a paixão e o delírio dos coleccionadores modernos. O terceiro período da fábrica de Viana é já uma sombra em relação à arte apresentada anteriormente, mas, mesmo assim, as peças ainda apresentam valor bem estimável, apesar de lhes faltar já a originalidade que deu fama e proveito à famosa loiça de Viana.

As fábricas do distrito de Viana são ainda seriadas com referências a Caminha — da Quinta da Cabana e de Martins Ruas, de Vilar de Mouros e mais modernamente a fábrica da Senhora da Ajuda na Meadela e os trabalhos cerâmicos de António Pedro realizados em Mole do Minho. Recordo também a Olaria Artística de Lanhazes, a Ceral e os famosos

ceramistas de Viana, com os irmãos Soares e o sr. Dias Coelho na liderança.

O exemplo da Câmara Municipal de Viana — amo a amo realizando exposições do mais alto nível, menciono a exposição de pratas portuguesas e a exposição de iconografia vianense devidas a Artur de Sândão — deve ser seguido. Está de parabéns o Município por ter pedido a colaboração de nomes tão sabedores. Temos de pensar que dentro de três anos Viana do Castelo festejará o duplo centenário da fundação da sua celeberrima fábrica de faiança, então o âmbito terá de ser nacional, é preciso que este povo e as «élites» — sobretudo estas — aprendam alguma coisa.

Rua Albuque, 20 - V. do C.

Viana do Castelo,
8. Janeiro. 1871.

Senhor Engenheiro Bernardo Ferrão,

Os meus cumprimentos.

Fiquei muito sensibilizado
com a carta que se dignou dirigir-
-me - a qual já contém o resumo.

O Senhor Engenheiro Ferrão
confunde-me com tanta amabili-
dade. Quem tem a agradecer sou
eu e sem lamento não ter aproxi-
tado tanto quanto desejava - e necessi-
tava - de proximidade licas que tão
qualificado mestre me proporcionou.
Apesar disso muito fiquei a saber

sobre a fazenda Vicanesa... 2-V-200.

Como pagar não posso os emiramentos
Recebidos, sive o palmito e as velas
de mordomia de minha terra - a
quem o Senhor Engenheiro acaba de
prestar tão relevante serviço! - para,
embora simplesmente, significar o
meu reconhecimento.

Creia-me também amigo certo e
dedicado, que lhe pede para se
servir dos seus préstimos se deles
vier a necessitar.

Muito obrigado.

Amadeu Costa

Só agora, ao reler o "Catálogo
da Exp. de Cerâmica Trienal
de 71",

Arthur de Saldão

Três meses de ver os diversos
apresentos que lhe fez dedica-
dos e, por um motivo, aparente

ao seu autor o mais reuho
rante agradecimento e com
elo a admiração e o estudo
de sempre de quem é'

Mãe cordialmente

Arthur Saldão

Execido pelo Sr. Alvaro de
Oliveira em 22/10/74

SERÃO

Página de Arqueologia Artística e Etnografia | N.º 196

Com o Patrocínio da Junta Distrital

DIRECÇÃO DE JOSÉ ROSA DE ARAÚJO

«NOTÍCIAS DE VIANA», n.º 1254

25 de Março de 1974

«A Nova Cerâmica de Viana»

Pelo ENG.º JOÃO DIAS COELHO

Devido à amável amuência do Eng.º João Dias Coelho ao nosso pedido, podemos, agora, publicar o texto da interessante palestra por ele proferida, a 20 de Dezembro de 1970, na Biblioteca da Câmara Municipal de Viana do Castelo, a convite do então presidente, Dr. Luís Monteverde, aquando da Exposição de Cerâmica das Fábricas do Distrito.

Entendemos que o conhecimento de um tão valioso contributo para a história da indústria cerâmica de Viana nos últimos tempos não poderia ficar confinado aos ouvintes que assistiram à leitura da referida palestra. Por isso, a damos a conhecer aos leitores do «Serão» possibilitando assim aos estudiosos que se interessam pelas actividades artísticas da nossa pequena Pátria, além do prazer de a ler ou recordar, a faculdade de a arquivar para futuros trabalhos.

O eng.º João Dias Coelho, que viveu junto a nós alguns anos e aqui procurou renovar e actualizar artisticamente os processos e modelos de fabrico da cerâmica vianense, soube conquistar, pela sua inteligência, vasta cultura humanista, fino trato e agradável convivência, muitos amigos e admiradores que sempre o recebem com viva simpatia, quando, todos os anos, nas suas férias, vem prestar o seu tributo à terra que o seu coração adoptou e às paisagens da natureza e das pessoas que se apegaram ao seu espírito de eleição.

Ex.^{mas} Autoridades, minhas Senhoras, meus Senhores:

Ao dirigir-me, neste momento, a V. Excelências, ainda pergunto a mim mesmo que força obscura me empurrou para a vossa frente, tendo-me levado a aceitar, tão de perto, o bem honroso convite do Senhor Presidente da Câmara, para proferir algumas palavras alusivas a esta exposição de cerâmica do Distrito de Viana, hoje inaugurada.

Em boa verdade, sempre tenho sido avesso a este género de manifestações, pois acho que, dum modo geral, palestras, conferências, são uma magadoria, só com algum interesse para os especialistas da matéria versada, com excepção daqueles raríssimos casos em que o palestrante, mercê do brilho das suas imagens e ideias, ou por um perfeito domínio da arte de dizer, consegue interessar verdadeiramente o seu auditório.

Mas não dispondo de tais qualidades, e isto sem qualquer falsa modéstia, a verdade é que me decidi arrostar com o encargo, porque me convenci que podia suprir a carência de tais requisitos, falando-vos, numa linguagem simples e despreendida, da história — ou melhor dum capítulo da história — de algo que faz parte, hoje, do vosso património cultural — a cerâmica de Viana, dos nossos dias, tão bem representada na exposição que esta tarde nos foi dado admirar.

E, porque nessa história tenho a pre-

tensão de me considerar actor, e até actor fulcral, por lhe ter imprimido uma determinada orientação que é característica duma fase desta renascida arte do fogo, pareceu-me um tanto facilitada a tarefa de vos expor o como e o porquê da senda trilhada, sem o risco de cair na pecha da erudição ou dum árido discurso técnico. Mais ainda os factos e acontecimentos em que intervim, vivi-os tão apaixonadamente que se têm mantido indelevelmente gravados, pelo que sinto poder transmiti-los dentro da singeleza da sua realidade, duma forma natural e vivida, a compensar aquelas já assinaladas falhas de dotes de conferencista.

Para começar, recuemos ao final de 1948. Nesse tempo, frequentava já a casa dos meus futuros sogros, onde passava normalmente as tardes de sábado. Acontecia, então, que ao fim da tarde desses dias, surgia o que viria a ser depois meu cunhado, o Jorge Corte Real que, como gerente da Fábrica de Alvarães, orientava também a da Meadela, adquirida, tempos antes, pela empresa Fábricas Campos Filhos, de Aveiro. Como era, nessa altura, o chefe de fabrico da Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, ele aparecia-me sempre com pequenas amostras de experiências e ensaios, procurando colher a minha opinião e algumas indicações sobre o modo de resolver as diversas dificuldades técnicas que lhe surgiam. Assim, um dia pôs-me o problema da necessidade de montar um novo forno, pelo facto de não dar satisfação o lá existente, cujos planos de construção provinham dos anteriores proprietários. E a propósito, cabe fazer, neste momento, uma justa e devida referência à família Espregueira que tendo-se abalançado ao empreendimento de ressuscitar a cerâmica viannense, morta já há muitos, muitos anos, foi na realidade quem deu o 1.º impulso para o arranque desta nova actividade industrial. Mas voltando à questão do forno, não podendo por razões de ética profissional, facultar qualquer solução, sugeri, no entanto, que, ao construir um forno novo, deveriam escolher um tipo que per-

mitisse cozer diversos materiais e a temperaturas tão variadas que fossem dos 1.000° aos 1.400°C. Mais sugeri que recorressem aos serviços do sr. Pinto da Mota que, um ou dois anos atrás, instalara em Aveiro uma nova unidade fabril, a Cerâmica Artibus.

No final de 1949 deixei a Vista Alegre, acontecimento que esteve na base de, algum tempo depois, vir a ser convidado para assumir a direcção técnica da Fábrica da Meadela, ainda a braços com numerosos problemas de fabrico.

Desta forma, vim a assumir as minhas novas funções, em 9 de Março de 1950, deparando-se-me uma pequena fábrica, cheia de deficiências, cuja actividade era produzir uma faiança, digamos corrente, a cobrir os sectores das loiças domésticas, sanitárias e decorativas.

Com uma formação profissional baseada na técnica duma cerâmica muito mais nobre, a porcelana, insensivelmente deve-se ter criado em mim a sensação de que seria uma regressão amarrar-me ao fabrico dum material de muito menos qualidade como a faiança.

E, uma vez que vos falei em porcelana e faiança, já que para muitos dos presentes, naturalmente, esta terminologia nada diz de concreto, permitam-me um breve parentesis para fazer uma pequena digressão pela história da cerâmica.

Para começar, não será de modo algum uma novidade dizer-vos que a cerâmica é uma das mais antigas indústrias da humanidade — encontram-se hoje, em museus, vasos de terra cota que eram destinados ao transporte de vitualhas para os mortos, depositados nos túmulos da época menfita, do Antigo Egipto, cuja data de construção vai dos anos 5000 a 3000 A. C.

Em todas as antigas civilizações — Assíria-Babilónia, Pérsia, Índia, Grécia, Roma — foi conhecida a arte de modelar e cozer a argila, mas para encurtar esta viagem pelo passado, abordemos a civilização chinesa onde essa arte de traba-

lhar o barro atingiu o seu ponto mais alto.

Segundo os historiadores chineses, os primeiros objectos de barro cozido, foram feitos por volta dos anos 2.700 A. C., no tempo do imperador Hoang-Ti. Contudo, das escavações arqueológicas até hoje feitas, não se têm tirado peças anteriores ao ano 2.000 A. C. (vasos em terra-cota, da era neolítica, descobertos na região de Pan-Shan) e só no século V A. C. surgem as primeiras peças fabricadas à roda de oleiro e revestidas duma camada vítrea. Do tempo da dinastia Han, que vai de 185 A. C. a 80 D. C., conhecem-se já exemplares de grande beleza e perfeição técnica, utilizando vidrados de cores castanha, azul-esverdeada e creme, e feitos duma pasta gresificada, mas não tendo a brancura e translucidez suficientes para poderem ser considerados de porcelana (alguns peritos designam esse material por proto-porcelana).

Só no período da dinastia Tang (600 a 900 D. C.) se consegue fabricar a verdadeira porcelana, a qual vem a atingir um desenvolvimento e beleza incomparáveis nas dinastias seguintes Song e Ming. E é no decurso desta última (1368 a 1643) que se estabelecem os primeiros contactos com a Europa, através dos portugueses, que foram os carreadores dos muitos e valiosos exemplares hoje espalhados pelos principais museus estrangeiros e em muitas casas portuguesas, onde se encontram especialmente as loiças denominadas Companhia das Índias. A propósito desta acção dos portugueses, na revelação aos demais europeus das maravilhas da civilização chinesa, no verão de 1954, foi-nos dado visitar, em Veneza, uma exposição de arte chinesa, na qual não poderia deixar de figurar, e com toda a relevância, a sua cerâmica. Pois nela figuravam 2 peças, cuja descrição do respectivo catálogo vos vou ler, pelo que há de curioso nas datas referenciadas, a demonstrarem o estabelecimento de relações comerciais, poucos anos volvidos, a descoberta do caminho marítimo para a Índia, e dizemos poucos anos volvidos,

atendendo à morosidade dos meios de comunicação da época:

«Peça n.º 679 — *Coppa con montatura in argento dorato, bianco e blu, Dinastia Ming. La montatura porta l'iscrizione «Pompeius Zambeccarius Sulmonensis — Nuntius ad regem Lusita MDLIII». Coppa donata da Giovanni III, re del Portogallo, al cardinale Zambeccar, di origine bolognes — do museu civico de Bolonha.*

Peça n.º 680 — *Coppa, bianco e blu. Dinastia Ming. Con due manih; decorata all'interno con lo stemma della famiglia portoghese degli Abrei sotto l'orlo una iscrizione in portoghese in cui è detto che, la coppa fa fatta per Pero da Faria, nel 1541; al esterno gruppi di bambini che giocano. Marca Hsüan-tê. Do museu Duca di Martina, de Nápoles.»*

Se atentarmos na evolução tecnológica operada na história da cerâmica do celeste império, pode-se afirmar que ela se processou segundo o seguinte esquema: —no primeiro estágio, a argila simplesmente modelada e cozida, fabrico de tijolos, ladrilhos e terras cotas; no seguinte, as argilas aparecem com um grau de preparação e selecção mais cuidadas, são utilizadas temperaturas de cozedura mais elevadas e revestimentos vítreos, surgindo como produtos fabricados, os barros vidrados, as majólicas e num grau mais requintado as faianças ou loiças de pó de pedra; finalmente, as argilas são preparadas para dar uma pasta que, depois duma cozedura a temperaturas ainda mais elevadas, dá origem a uma massa branca, translúcida, de estrutura vitrosa, com toque característico, recoberta dum vidro transparente, aquelas características que definem o «supra sumus» da arte cerâmica — a *porcelana*.

Assim, chegadas que foram ao nosso continente, as peças de porcelana chinesa em quantidades comerciais (Marco Polo já delas tinha dado conhecimento em época mais remota), constituíram, pela sua beleza e raridade mercadoria de alta valia, a lançar um desafio ao génio europeu, para a descoberta dos seus segredos de fabrico, uma vez que, à data, ainda não se tinha passado do segundo estágio

da técnica da cerâmica, o das majólicas e faianças. Sequentemente, depois duma espécie de sucedâneo, a «porcelana tenra» fabricada em França, no final do século XVII, em Ruão, Valenciennes e Sèvres, coube a honra da descoberta de fabrico da porcelana verdadeira ao alemão Böttger, no ano de 1708.

Böttger era um alquimista que, dentro do espírito da escola herdado das eras medievais, procurava descobrir a pedra filosofal, elemento mágico capaz de curar todas as maleitas e poder transmutar os metais vulgares em ouro. Encontrava-se ao serviço do rei Guilherme I da Prússia que o empregara com o objectivo de encher os seus reais cofres. Talvez porque tivesse gasto mais do que o devido, sem em troca poder restituir algo ao seu patrão, o certo é que a dada altura teve de fugir daquele reino, indo-se refugiar no vizinho eleitorado da Saxónia. O rei Guilherme chegou mesmo a solicitar a sua extradição, mas o eleitor Augusto II, que também estava ávido do metal amarelo, não quis largar presa que se lhe afigurava tão valiosa e resolveu, portanto, pô-lo a trabalhar de sua conta, num castelo nas cercanias de Dresden. Böttger sentindo escapar-se-lhe as possibilidades de fabricar o metal, sem poder talvez escapar-se para novo lugar em que pudesse continuar a viver da credulidade alheia, começou a procurar reproduzir a porcelana chinesa, que, em sua opinião seria uma forma indirecta, mas muito mais segura de fabricar o ouro de que o eleitor estava tão ansioso.

Conseguiu então, no tal ano de 1708, fabricar pela primeira vez, na Europa, a porcelana, e Augusto II, encantado com a descoberta, instalou uma fábrica em Meissen, perto de Dresden (donde a designação corrente de Dresden China, nos países de língua anglo-saxónica e de porcelanas de Saxe, nos países latinos), da qual fez director Böttger. E o segredo foi considerado tão valioso que se estabeleceu, além do mais rigoroso controlo, para evitar a sua divulgação, severas penas que iam até à prisão perpétua e condenação à morte dos que procurassem

transmiti-lo. Apesar disso, dois operários fugiram com os segredos e deram origem à fábrica de Viena, em 1718, comprada em 1744 pela imperatriz Maria Teresa.

Depois, foram surgindo novas fábricas, pela Europa fora, todas ligadas às casas reinantes, pois que o alto preço da sua produção fazia dela um meio adequado para os presentes régios. Para fechar o parêntesis, registre-se que em Portugal, é já depois da revolução liberal que um homem de grande rasgo, José Ferreira Pinto Basto e apoiado na técnica francesa, monta a Real Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, em 1824, após ter sido descoberto, na região de Ovar, o caolino por um habitante de Ílhavo, de nome Capote.

Retomando agora o fio da nossa exposição, temos a impressão de que, através desta digressão histórica, já se pode aquilatar da muita maior complexidade do fabrico da porcelana, razão porque levou tanto tempo a ser descoberta e divulgada no nosso continente; mas para um sentido mais real da diferença entre faiança e porcelana diremos que esta se distingue, sob o ponto de vista fabril, por ser constituída por uma massa que submetida a uma temperatura muito elevada, atinge o estado pastoso, massa essa recoberta por um vidrado cozendo à mesma temperatura do que a pasta. Estas características fazem com que a selecção das matérias primas seja muito mais rigorosa, não sendo até assás abundante, na natureza, a sua matéria prima básica — o caolino, assim como muito mais delicadas se tornam todas as operações fabris, desde a criação do modelo inicial até à sua cozedura última.

Apesar de toda esta complexidade, traçámos na nossa mente o plano de enveredar pelo fabrico dum material de qualidade análoga que, sem atingir o nível requintado da porcelana, permitisse dar às loiças domésticas e sanitárias características bem superiores às das similares então existentes no mercado.

(CONTINUA)

« A Nova Cerâmica de Viana »

(CONTINUAÇÃO)

O problema apresentava-se-nos do seguinte modo:

— dispunhamos de conhecimentos técnicos na matéria e confiávamos neles

— na região, sendo até propriedade da empresa, havia a tal matéria prima rara e essencial para um tal fabrico — o caolino

— dispunhamos ainda do tal forno de que falámos atrás, por termos sugerido a sua escolha, que permitia cozer um material de pasta gresificada

— a nossa posição, ligados familiarmente à entidade patronal, dava-nos uma liberdade total de acção.

Enquadrado já no esquema delineado, assegurámos entretanto o concurso dum antigo colaborador na Vista Alegre e, assim, mantendo nos primeiros tempos o tipo de loiça que se vinha a executar, com ela fizemos a primeira cozedura do forno novo que neste meio tempo se concluiu. Teve ela início no dia 18 de Março e só se desenformou em 29, com resultados bastante desanimadores como reza a nossa agenda em que fazíamos o registo dos principais acontecimentos do dia a dia. E nela está registado que no dia 31 desse mês entrava ao serviço o tal nosso antigo colaborador, o João Valente, mais conhecido pelo Pacheco, através das lides futebolísticas, por ser o nome com que então fez parte, como guarda-redes, do Sport Clube Vianense.

E não posso, neste momento, deixar

Pelo ENG.º JOÃO DIAS COELHO

de lhe fazer uma referência muito especial, pois que sendo Valente de apelido era na realidade o que na gíria dos tempos tecnocráticos, de hoje, se designa por «polivalente» de funções. Torna-se um elementar acto de justiça frizar que na transição operada dum tipo de fabrico para um outro de muito maiores exigências e dificuldades, o Pacheco foi pedra fundamental, uma vez que, sabendo modelar e formar em gesso, trabalhar com a pasta no estado plástico ou de lambugem, aplicar os vidrados, preparar os refractários, enfornar, conduzir o forno, ele foi, na verdade, como que as mãos que permitiram corporizar os meus pensamentos. Merece bem que fique registado nos anais da história desta segunda fase da cerâmica vianense que ele foi um verdadeiro veículo transmissor daqueles segredos técnicos cuja divulgação nos tempos de Böetger, levavam até à pena capital...

Com a sua colaboração e mantendo a fabricação em curso, começámos então a lançar as bases para a produção dum material que já se fabricava nalguns países, sob a designação de «vitreous china», ou mais portuguêsmente grés fino. Mas tornava-se necessário fazer tudo de novo — as caixas de refractário, a pasta, os vidrados, os modelos e as formas de gesso, etc., etc..

Improvisada que foi uma rudimentar lavaria de caolino, em 29 de Abril, prensávamos a primeira quantidade da nova pasta e nesse mesmo dia dávamos execu-

ção às formas, em 3 tamanhos, de canecas facetadas, muito correntes na região para servir o vinho verde, as quais designámos comercialmente por canecas Minho.

Num ritmo de trabalho febril, naquela ânsia de fazer «novo», conseguimos o que reza a nossa agenda-diário, em 1 de Junho: «acendeu o forno com a 1.ª experiência em escala industrial da pasta tipo «vitreous».

E foram três dezenas de horas de trabalho permanente à procura duma marcha de fogo que conduzisse à meta almejada, interrompidas quâse no final, quando o sinal que tanto procurávamos — o incendiarem-se os gases da combustão à saída da chaminé — deu origem a uma tentativa de intervenção dos bombeiros, chamados por alguém que se aterrara com o espectáculo insólito em Viana, dum penacho de fogo, a brilhar na noite escura, mesmo a razar o telhado da Fábrica.

Sanado este pequeno incidente, poucas horas antes do termo da cosedura, tal era a ansiedade vivida que na tarde de sábado, 3, mal se tinha uma dúzia de horas de tempo de arrefecimento, procedeu-se à desenforma, como reza o curioso documento que passo a ler:

Deus nos ajude nas nossas aspirações.

Dia, «Lembrado» o dia 3 de Junho de 1950.

Data esta, em que foi feita a experiência pelo nosso Dig.mo Sr. Engenheiro, acompanhado do nosso Ilustre Encarregado geral, nesta «Fábrica de Loiça de Viana, L.da» situada na freguesia da Meadela, lugar de N.ª S.ª d'Ajuda.

A cosedura da dita experiência, onde nos deixou imenso satisfeitos o resultado.

Onde em seguida, após a boa vontade do n/ Dig.mo Sr. Engenheiro nos deu o prazer, além da nossa satisfação de nos oforecer a cada um dos que assistimos à desenforma duas lindas canecas como recordação.

Rodrigo José Coelho

Alfredo José Oliveira

Manoel Pereira Parente

José Francisco Pereira Parente

*Joaquim Fernandes Alves
Porfírio de Sá Marcelo
José Rodrigues São João Júnior*

Agradecemos reconhecidos.

Representou esta cozedura a primeira vitória, os primeiros pontos que marcávamos na longa competição em que nos envolvêramos, pois havia todo um longo e árduo caminho ainda a percorrer, até dispormos dum número superior de artigos e de formatos que dessem aso a uma fabricação, em ritmo continuado, baseada na nova pasta. Deste modo, mantivemos paralelamente e durante um certo período, o antigo fabrico, a fim de dar satisfação às encomendas em carteira. Fazendo parte dele, havia um pequeno sector de decorativo, onde fui encontrar 3 rapaziotos, a procurarem reproduzir, com os meios da altura, as decorações da antiga loiça de Viana — o António Soares, o Ilídio Trigueiros e o Saul. Motivos de ordem económica levaram-nos algum tempo depois, a reduzir ao mínimo o fabrico decorativo, deixando somente o Soares neste sector. Lógicamente, procurámos adaptá-lo à técnica de decoração imposta pela nova pasta, mas os resultados foram francamente desanimadores pela natural carência do saber fazer.

Contudo não me dei por vencido, visto que em meu entender, impunha-se manter o decorativo que reputava poder vir a ser o nosso melhor cartaz publicitário, numa espécie de actividade «a latere», mas que chamaria muito mais facilmente a atenção do grande público para a Fábrica da Meadela do que o fariam as suas loiças domésticas ou sanitárias.

Consequentemente, tendo tido conhecimento de que um antigo pintor da Vista Alegre, o António Joaquim Ferreira, regressara de França após uma estadia de um ano e pouco, na fiançaria de Longwy salvo erro, entrei em contacto com ele e convidei-o a vir trabalhar para Viana, o que aceitou. Artífice primoroso, com um total domínio da técnica de preparação das tintas, do manejo dos pinceis, de abrir fundos, gravar no oiro, etc., ele foi o ver-

dadeiro iniciador da decoração sobre vidro, na Meadela. Com o seu concurso era o segundo «round» que vencíamos e tornava-se possível iniciar um período de decoração cerâmica, dentro do estilo clássico da porcelana — reprodução de quadros, motivos florais, retratos, todo um estilo bem representado nos exemplares patentes na exposição hoje inaugurada.

No entanto, achávamo-nos ainda insatisfeitos, pretendíamos qualquer coisa de mais original, de mais característico, a poder distinguir-se em qualquer parte como uma peça de Viana e que não se nos pudesse assacar de que éramos uns meros copiadores do estilo próprio duma cerâmica de mais requinte, passado para um material intrinsecamente de menos boa qualidade.

Foi então que numa tarde do verão de 1951, nos surgiu pela fábrica dentro, o António Pedro, de quem fizéramos conhecimento pouco tempo antes, acompanhado pelos então jovens pintores Vespeira, Fernando Lemos, Fernando Azevedo e o crítico José Augusto França, que estavam a passar férias em Moledo e formavam a ala moça do movimento surrealista português, de que António Pedro era uma espécie de padre-mestre.

Ele e os seus companheiros fizeram uma crítica implacável aos motivos de decoração utilizados, as florzinhas e as produções de estampas, dizendo ele que pela decalcomania se podiam reproduzir aos milhares, ainda mais perfeitinhas e sempre iguaizinhas, mas sem o menor interesse artístico.

Demonstrando um súbito entusiasmo por esta actividade, aproveitámos o ensejo para tentar estabelecer uma plataforma de colaboração. Todavia uma situação financeira difícil atravessada pela Empresa não permitiu aproveitar todas as virtualidades do seu concurso, através duma posição definida, tal como a de seu consultor artístico, tendo-se ficado limitado ao fornecimento dum certo número de modelos e de esboços para motivos decorativos, mas completado por uma inapreciável acção de presença que iria ser

decisiva nos novos rumos trilhados pela cerâmica decorativa da Meadela.

À guiza de compensação, facultámos-lhe tudo, em materiais, técnica e elementos humanos, para a criação duma pequena oficina artesanal em Moledo do Minho, donde saíram algumas das peças também patentes na exposição.

Entretanto, a situação financeira da Sociedade agravara-se ainda mais e uma remodelação interna levou-nos a ter de acumular a gerência e direcção técnica de sua sucursal de Alvarães, a partir de Março de 1952. Esta fábrica dedicava-se ao fabrico de tijolos de construção, refractários e manilhas de grés, técnicas para nós, à data, um tanto ou quanto desconhecidas, mas que, uma vez dominadas, nos permitiram tirar partido da sua associação no sector do decorativo. As técnicas do barro puxado à roda de oleiro e a vidragem por meio dos vapores do sal foram-nos abrir vastas possibilidades, permitindo-nos criar algo de novo, através dos grés decorativos puxados e de vidros tratados, o que foi magistralmente aproveitado pelo talento de António Pedro.

Foram estes os novos pontos ganhos no 3.º round que acabávamos de vencer — o de alcançar um estilo próprio no decorativo.

Nessa altura, impunha-se aparecer ao público pelo que, a coberto do nome prestigioso de António Pedro, se organizaram duas pequenas exposições da nova cerâmica, uma em Lisboa, na galeria de Março, e a outra, no Porto, na galeria António Carneiro. O acolhimento francamente favorável da crítica originou novos estímulos que levaram em 1953 e 1955 à realização das grandes exposições de cerâmica, no então salão nobre dos Paços do Concelho de Viana, e integrada no programa das festas da Snr.ª da Agonia.

Com a colaboração dedicada de todo o pessoal, sob a batuta do incansável Amadeu Costa — a revelar já os seus dotes para a decoração — montaram-se aqueles dois certames que apresentavam, conjuntamente com algumas das mais representativas peças da antiga loiça de Viana, as nossas realizações no domínio do deco-

rativo tradicional e do modernista, este com uma forte representação das peças de grés puxado, com vidros tratados.

Foram estes os dois momentos mais altos da nossa actividade, milhares de pessoas desfilarão perante os exemplares expostos e era ver os operários da Meadela, ali presentes, logo que libertos da fábrica, desde a Snr.^a Maria de Perre aos Parentes, ao Alfredo, à Esmeralda, passarem ali horas a escutarem os comentários mais diversos dos visitantes, partilhando os enócmios feitos pela maioria, a sentirem-se engrandecidos pela parcela da sua intervenção que fazia parte das peças expostas.

Revelaram essas exposições dois jovens artistas, os irmãos Fernanda e António Soares, sendo ainda de salientar o concurso, de muito mérito, dado por alguns outros, uma espécie de franco atiradores a quem abrimos as portas para experimentarem o aliciante de exprimirem os seus conceitos plásticos através do barro e do fogo — D. Maria Manuela da Costa, Alfredo Margarido, os irmãos Carlos Eurico e Severino Costa, o escultor Joaquim Barbosa, o Ernesto Ribeirinho.

Entre estes dois acontecimentos, ficaram também assinalados, com pedra branca, as exposições simultâneas na Casa Santana do Porto, e na Galeria de Artes e Letras de Lisboa, em Dezembro de 1954, para as quais António Pedro escreveu uma pequena nótula na apresentação dos respectivos catálogos e, onde lapidarmente definiu a sua posição perante a querela levantada sobre a «tradição» das loiças de Viana. Dizia ele: «Reencontrar um caminho não é refazê-lo. Renovar uma tradição é torná-la viva. Continuar não é repetir. Por isso, ainda vamos à procura dum estilo. É isto que se mostra: o que os olhos desejam, o que os dedos tentam e o que o fogo ajuda a fazer».

Um sentimento de tristeza não pode deixar de me tomar, ao pensar que figura tão proeminente já não faz parte do mundo dos vivos e com saudade, recordo os momentos inesquecíveis do convívio, à mesa do Café Américo, na Meadela, em Alvarães, na sua oficina e na sua casa de Moledo. Que conversador espantoso era

esse Homem, que prazer deleitoso era ouvi-lo dissertar sobre teatro, cinema, literatura, pintura, sempre numa linguagem fluente e cuidada, com um domínio total do gesto e da inflexão da voz, como actor consumado que o era no todo da sua pessoa. E facto curioso, apesar da minha muita admiração, sentia-me, na apreciação estética, um tanto ou quanto distante dele — homem de teatro, era de temperamento barroco, adorava os panejamentos, o emprego do oiro, o ornamento, considerava que Rubens era o maior pintor de todos os tempos, enquanto eu sentia uma maior atracção por um Rembrandt, um Greco ou um Goya. Talvez por isso eu tinha como ideal na cerâmica qualquer coisa de diferente do dele; ao fim e ao resto, o que mais me seduzia era o estilo da porcelana clássica chinesa — matéria de grande nobreza forma pura, cor derivada de vidrados de qualidade e enquadramento perfeito da decoração no espírito da forma. A propósito, tenho comigo uma das poucas peças que adquiri na Meadela e não resisto à tentação de vo-la mostrar como um protótipo do estilo que procurava atingir. A sua concepção e decoração é do António Soares a quem cabe fazer aqui um referência muito especial.

Não tendo ele, por um lado, as limitações do António Ferreira, devidas ao seu passado de ceramista profissional, nem possuindo, por outro lado, uma cultura livresca, ou académica, nem uma vivência dos grandes centros, era um «naif». Daí, uma mais vincada espontaneidade, um maior arrojo e agressividade que imprimiram um cunho de modernidade mais marcada, quer às formas de sua concepção, quer aos motivos decorativos de sua invenção. A Vida levou-o às longínquas paragens de Moçambique, mas quiseram os fados que após longos anos de ausência, tenha vindo, este ano, passar umas férias à sua terra natal e mais que se encontre neste preciso momento entre nós. Não quero deixar passar a ocasião sem prestar pública homenagem a um dos homens a quem, em meu entender, a moderna cerâmica mais ficou a dever.

(CONTINUA)

S E R R Ã O

Página de Arqueologia Artística e Etnografia | N.º 198

Com o Patrocínio da Junta Distrital

DIRECÇÃO DE JOSÉ ROSA DE ARAÚJO

«NOTÍCIAS DE VIANA», n.º 1266

13 de Maio de 1974

«A Nova Cerâmica de Viana»

Pelo ENG.º JOÃO DIAS COELHO

(CONTINUAÇÃO)

Levado pelo entusiasmo alongou-se excessivamente e já estou, bem de certo, a enfadar-vos mas felizmente para vós o meu capítulo nesta história está prestes a encerrar-se.

Discussões familiares forçaram-me, com amargura, a abandonar esta apaixonante actividade. Contudo, uma consolação me resta — preso para sempre aos encantos da região limiana, jamais deixei de aqui voltar a rever paisagens e amigos. Cumulado sempre com gentilezas e atenções pelos seus moradores, das mais diversas situações sociais, criou-se-me, para

com eles, o sentimento de ter contraído pesada dívida, impossível de ser liquidada. Mas ao visitar hoje esta exposição e remembering uma época da minha vida, ainda bafejada pelo entusiasmo da juventude, o que do meu sabor, do meu coração e dos meus nervos ficou por detrás das realizações dessa fase da cerâmica vianense, dá-me jus a reivindicar essa qualquer coisa, como um crédito para diminuir a dívida contraída para com as gentes desta Viana da Foz do Lima.

Disse.

JOÃO DIAS COELHO

OS NOTÁVEIS

DR. CASIMIRO ALVES

Mais um dos nossos companheiros da mocidade, das ilusões e sonhos da juventude distante e das aventuras, lutas e frustrações da maturidade e velhice, «dorme na mão de Deus eternamente»...

Do rasto que ele nos deixou na vida e caracterizou a sua forma moral sobressaiem, além de outras, duas qualidades que teceram a teia de simpatia e de profunda amizade dos que o conheceram e com ele conviveram.

A fidelidade aos valores morais que

bebeu no leite materno e respirou no ambiente familiar e rural e que modelaram e vincularam o seu carácter e a sua maneira de ser e de estar. Essa fulgurante luz interior iluminou depois a sua vida de escolar em Coimbra, onde inicia um generoso combate pela Igreja, nos momentos mais cruciais em que era incompreensivelmente atacada e negada a sua doutrina evangélica. Com a mesma dedicação, presteza e isenção total toma parte em todas as batalhas, onde, segundo o seu modo de ver e sentir, se combatia pela dignificação e sobrevivência da comunidade nacional.



CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA DO CASTELO

Tenho a honra de convidar V. Ex.^a e Ex.^{ma} Família a assistirem à inauguração da «EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA DAS FÁBRICAS DO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO», que se efectua no próximo domingo, 20 do corrente, às 18 horas, nos antigos Paços do Concelho.

Agradeceria também a assistência de V. V. Ex.^{as} à conferência que, pelas 21,30 horas da mesma data, realiza na Biblioteca Municipal o Ex.^{mo} Snr. Eng.^o João Augusto Dias Coelho, subordinada ao tema:

A MODERNA CERÂMICA DE VIANA.

Viana do Castelo, 14 de Dezembro de 1970.

O Presidente da Câmara,

Dr. Luís Monteverde da Cunha Lobo Júnior

PLANÇA DE VIANA

Expm. de S. Jacinto. Viana - 1967 - Catálogo

- 48 - Cufiteo c/M.V. COME BRUIDA - B. Feneas
50 - " c/1000 GL? - Colec. particular?
51 - Velga c/SA. CONT.º - Cuid. mono-gerat docturia
52 - Rube c/1000 DE SA CONTINATO " " "
54 - Jara c/N.SA/PA/PAIS - Colec. partic.
55 - Plato c/ANARA MARCADO - Leandro Quintas - BANADA
58 - Jara c/MEZ^{PA} - Colec. A. Leuco Hre
60 - Gravura c/grupo de avir e boileta - Jm. Peabada, Viana
61 - Cufiteo c/N/CARMO - Colec. partic.
62 - Plato c/ERMEVINDA - B. Feneas
63 - Pica c/PERRAARDINA - " "
66 - Plato c/MADRA 3º Perol. - Duarte Santos, Viana
69 - B. de carta militar - Colec. A. Leuco Hre
70/71 - Plato c/ALM - Dr. Jm. e Jm. Sepulveda Agoneta
72 - Jara c/Tupens e excud. nacion. - Colec. A. Leuco Hre
73 - Jara c/Exc. validade. sube lauro - " "

- Rube - Carta das Palmeiras (?)

- Pica 1º período - Vy.º Jureiro

- Carta moço moço - Manuel Lima

- Sig. de Jm. Beira / Gravura / Plato / Jm. Peabada / Pica
c/ Palha / B. de cartas a v. Jm.

B. Feneas

Colec. A. Leuca Haie, Jm' Abecasti, Jm' Leitão, Quilb
Idilópolis, Arq. D.C. Bernarda, Dr. Ritz. Sá Carneiro
Dr. Pires de Lima, Jm' Pires C. Bafante (mats an unusual)
Saudão (larva?) e catelogo Leitão

MINHAS - 2 matos adul e/ Eucalipto / 3 vras AB
Cagal vellin / Tenina redonda e branca / Gravetta / Cava
Ranida / 3 canjicos / Prata eucalipto (3) / Cão pi-
ta papai / Colho balitino /

- Prule doentes julia (c/maso?) - Arq. Arq. Bernard
 - Ver aut. ^{ps} Sauda "Colôquio" s/ Niter Nave e Farmácia
-

PARA - D. Nave Jm' Pires Rodrigues (Rebau)

Arquivo

VIANA

- ~~- Caixa 217 | 20~~
- ~~- " 795 |~~
- ~~- " 797 - 30 } Cn~~
- ~~- " 799 - 30 }~~
- ~~- " 795 - 30 }~~

~~- Caixa 851 - 20 - Proj. Viana~~

~~- Caixa M 1307 10 - Proj. Viana~~

~~- Lavanda P 937 20 (e. de lero)~~

~~- Caixa M 745 30~~

~~- Malga P 985 20 (kratu.)~~

~~- Juna P 1170 10~~

~~- Par Juna P. 1183 10 (Mar. exp.)~~

~~- Juna (1203 V } P. cony.~~

~~- Juna R }~~

~~Frato 1050 2.º P. c/Vipuroc~~

~~Meino 183/4 2.º P. Jea } Cuy~~

~~" 1264/5 " " " }~~

~~Sala 177/8~~

~~Vijelay~~

~~7207~~

~~Comp:~~

~~85/40~~

~~7205~~

~~71208~~

~~+ Cuy 819~~

~~7207~~

~~7206~~

~~Pa Adipheira P. 750/51~~

~~Char 296 Abel 1.º~~

~~Almandia P 1381 + 2.º~~

~~Pa Louca P. 840/2~~

~~Toby Jug de sale~~

~~(P) Terrija de sale~~

Cinj. caulin. 20(?) (1ala)

223/794 / S/Nº / 198

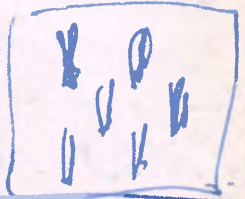
Cinj. 3 caulin. c/carev. lar

Cinj. 4 caulin.

152/245/

221/220

8
H
H
H
H
H
H
H

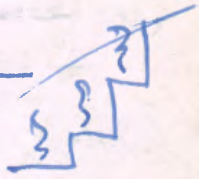


Service de cauplato

stribato x ± clăvonea

2 cartişăi 131/2

6 cartiş. p. arto



3 galbenişii patişlor

5 cartiş. : p. arto / coelhu e
fig. bozmeu

~~Par de canis 3º período
+ canes amarelos vacuola~~

~~Par de molleiras~~

~~galheta verde~~

~~galheta 238~~

~~P 1º e 2º período (medida)~~

~~P 1º período em mesa de
coque~~

~~Par ~~branco~~ e/vermelho 260~~

~~P 1º período~~

~~P 1º e 2º período~~

~~P 1º e 2º período, 1º e 2º período~~

~~La jana 157/8~~

~~Cuj. jana jana Orden 39 +
+ 88 Rnario~~

~~Cuj. caperu S. Vicente 143
e 202~~

~~Cuj. de jana di-
fuerza (1 de cada)~~

~~P ~~Orden 100~~~~

~~P Cuj. de jana de 1.º período
en un folio de cada uno~~

~~Cuj. de 3 jana~~

~~Orden Cuj. de 1.º período
cada uno e/+ jana~~

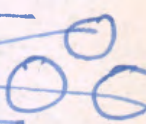
~~Participadores: 4 + Adalicio~~

~~2 caudri 30 / peno do~~

~~2 curtidoras c/ tubo
+ 2 c/ Tampa~~

~~Conjuntos de fios de
água quente ~ 6 a 8 colha~~

~~Pa. Venimas Refrescos c/ Tampa
138/189~~

~~3  Quatro jõe' c/ c/ c/ c/~~

~~Quatro encadern. enc. contad~~

~~150 g MF + 2 / DF + halo pared~~

~~Bastinado~~

~~Banco Banco 2 o 4 junho~~

~~Plat 30 p. 292 (arquiteto)
(premiado)~~

Cuj. 30	frade (arquiteto) 193
	Dama 300
	Vácam (arquiteto)

~~Plat Verde 84~~

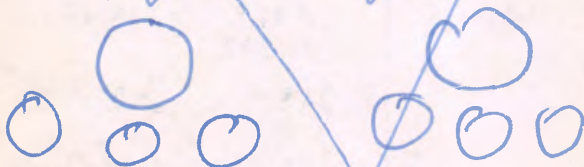
Cuj. 30 p. 20	194
	41
(verde)	196

~~Cuj. vacias defoladas (3)
varanda + 1 maíot
+ Aquivo~~

~~Cuj. 4 p. 30 p. 194
(Caralo, 2 igreja, mulher 8/riola)~~

~~Prato 3º período estande
vacante (estande)~~

~~2 Cuij. 2º período~~



~~(um em o do centro alto)~~

~~Anuário vacante~~

~~Cuij. 3ª período~~

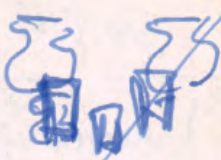
~~2 vacante + 1 estande~~

~~Cuij. 2º período
+ 1 cambado sala~~

~~2 vacante e alpten mais~~

~~+ 1 estande
que loja~~

• Conjunto Histórico da Vila
2 bridas grandes
2 pequenas
1 " pequena



Conjunto a pedo de brida
de junção do vâco tipo

Conjunto para brida
tipo PARÊNTE (aluminio)
para brida (alumínio)
~~para da sala~~
Junta (e vâco sala)

○ Pedo de Anã
quinta Nave

○ Caixa de madeira

do projeto do Dr. N. N. N. N.

Carreca c/ melba

Do Sr. Ruteverde

Travenca c/ aves e bolholeta

José Rauboda

Prato c/ MADIRA

Quente frito
